

Cultura Surda e Cidadania¹

Sandra Patrícia de Faria

“... os surdos têm se agrupado sempre que têm tido a oportunidade de fazê-lo. E têm se agrupado ao que temos denominado de comunidades lingüísticas em cuja base está a utilização de uma língua comum, a língua de sinais. Esta comunidade põe em relevo o fato de que seus membros estão unidos por importantes vínculos sociais e os surdos, como grupo, como coletividade, têm pautas e valores culturais próprios, diferentes e, às vezes, em contradição com o que sustenta a macrocomunidade ouvinte”. Sánchez (1990: 161)²

A diversidade humana

Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois, na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade ‘disponível’ para a maioria dos seres humanos. No entanto, essa parece ser uma questão de mero ponto de vista.

Segundo Montesquieu (*apud* Maupassant, 1997: 56-57), um órgão a mais ou a menos em nossa máquina teria feito de nós uma outra inteligência. Maupassant³, em seu conto ‘Carta de um louco’, reflete sobre a tese acima, defendendo que “todas as idéias de proporção são falsas, já que não há limite possível, nem para a grandeza nem para a pequenez (...) a humanidade poderia existir sem a audição, sem o paladar e sem o olfato, quer dizer, sem nenhuma noção do ruído, do sabor e do odor. Se tivéssemos alguns órgãos a menos ignoraríamos coisas admiráveis e singulares; portanto, se tivéssemos alguns órgãos a mais, descobriríamos em torno de nós uma infinidade de outras coisas as quais nunca suspeitaremos por falta de meios de constatá-las”.

Se não há limite entre a grandeza e a pequenez e nenhum ser humano é exatamente igual a outro, podemos concluir que ser surdo não é melhor nem pior que ser ouvinte, mas diferente⁴. É por não se tratar necessariamente de uma perda, mas de uma diferença, que muitos surdos, especialmente os congênitos, não têm a sensação de perda auditiva.

Padden & Humphries (1999) advogam que os surdos sem o sentimento de perda auditiva são levados a descobrir a surdez. Eles fazem referência a um belíssimo depoimento citado por Perlmutter (1986, *apud* Padden & Humphries, op. cit.), descrito por Sam Supalla, surdo, em seu contato com uma amiga de infância ouvinte, sua vizinha. Sam nasceu numa Família Surda, com muitos irmãos surdos mais velhos que ele e, por isso, demorou a sentir a falta de amigos. Quando seu interesse saiu do mundo familiar, notou, na residência ao lado da

¹ Este texto foi publicado originalmente em SALLES, H.M.L. *et al.* *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica* vol. 1, Brasília: SEESP/MEC, 2002 sob o título ‘Cultura Surda e Cidadania Brasileira’. Encontra-se nesta versão, revisado e ampliado.

² Essa epígrafe foi traduzida livremente por Faria, do original, em espanhol: “.. los sordos se han agrupado cada vez que han tenido oportunidad de hacerlo. Y se han agrupado en lo que hemos denominado comunidades lingüísticas, porque en la base de las mismas está la utilización de una lengua común, la lengua de señas. Pero el término comunidad pone de relieve el hecho de que sus miembros están unidos por importantes vínculos sociales y que los sordos como grupo, como colectividad, tienen pautas y valores culturales propios, diferentes y a veces en contradicción con los que sustenta la macrocomunidad oyente.” (Sánchez, 1990: 161)

³ Agradecimentos a Hugo Pastor Santos de Albuquerque, que, sabiamente, captou a intertextualidade das nossas discussões na Disciplina *Tópicos Atuais em Lingüística*, ministrada no Departamento de Letras da Universidade de Brasília. Ele enriqueceu-nos com a apresentação do conto do Maupassant.

⁴ Esta é uma questão que merece ser amplamente discutida, todavia está limitada a essa sutil consideração por não fazer parte do escopo desse trabalho.

sua, uma garotinha, cuja idade era mais ou menos a sua. Após algumas tentativas, se tornaram amigos. Ela era legal, mas era esquisita: ele não conseguia conversar com ela como conversava com seus pais e irmãos mais velhos. Ela tinha dificuldade de entender gestos elementares! Depois de tentativas frustradas de se comunicar, ele começou a apontar para o que queria ou, simplesmente, arrastava a amiga para onde ele queria ir. Ele imaginava como deveria ser ruim para a amiga não conseguir se comunicar, mas, uma vez que eles desenvolveram uma forma de interagir, ele estava contente em se acomodar às necessidades peculiares da amiga. Um dia, a mãe da menina aproximou-se e moveu seus lábios e, como mágica, a menina pegou sua casa de boneca e moveu-a para outro lugar. Sam ficou estupefato e foi para sua casa perguntar a sua mãe sobre, exatamente, qual era o tipo de problema da vizinha. Sua mãe lhe explicou que a amiga dele, bem como a mãe dela, eram ouvintes e, por isso, não sabiam sinais. Elas ‘falavam’⁵, moviam seus lábios para se comunicar com os outros. Sam perguntou se somente a amiga e sua mãe eram assim e sua mãe lhe explicou que era sua família que era incomum e não a da amiga. As outras pessoas eram como sua amiga e a mãe. Sam não possuía a sensação de perda. Imerso no mundo de sua família, eram os vizinhos que tinham uma perda, uma desabilidade de comunicação.

Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições de ambos: surdos e ouvintes. Por exemplo, enquanto um surdo não conversa no escuro, o ouvinte não conversa debaixo d’água⁶; em local barulhento como numa boate, por exemplo, ouvinte não consegue se comunicar, a menos que grite e, nesse caso, o surdo se comunica sem problemas. Além disso, ouvinte não consegue comer e falar ao mesmo tempo, educadamente, e sem engasgar, enquanto o surdo não sofre esta restrição.

Neste sentido, Pimenta (2001: 24), ator surdo brasileiro, declara que ‘a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana. Ser surdo não é melhor ou pior do que ser ouvinte, é apenas diferente’. Se consideramos que os surdos não são ‘ouvintes com defeito’⁷, mas pessoas diferentes, estaremos aptos a entender que a diferença física entre pessoas surdas e pessoas ouvintes gera uma visão não limitada, não determinística de uma pessoa ou de outra, mas uma visão diferente de mundo, um ‘jeito Ouvinte de ser’ e um ‘jeito Surdo de ser’, que nos permite falar em uma cultura da visão e outra da audição.

A questão multicultural surda

Skliar (1998) explica que falar em Cultura Surda como um grupo de pessoas localizado no tempo e no espaço é fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos, é uma visão rejeitada por muitos, sob o argumento da concepção da cultura universal, monolítica. Para Wrigley (1996), a surdez é um ‘país’ sem um ‘lugar próprio’; é uma cidadania sem uma origem geográfica.

⁵ Prefiro considerar a oposição entre ‘falar’ em Língua de Sinais e ‘falar’ oralmente – fala por sinais e fala em português. Apesar de ter efetuado uma tradução livre do texto original, achei pertinente utilizar o verbo ‘falar’ como no texto original.

⁶ Mergulhadores, ao procurar desenvolver sua comunicação durante um mergulho, adotaram sinais da Língua brasileira de sinais. Vide <http://intervox.nce.ufrj.br/~sbma/comunic.html>

⁷ A expressão ‘ouvintes com defeito’ reflete bem a visão ‘ouvintista’. A mesma foi extraída de uma correspondência eletrônica de Luiz de Freitas, veiculada em lista de discussão virtual.

Anderson, sociólogo, membro do Departamento de Estudos da Surdez da Universidade de Gallaudet, afirma que, apesar de não haver consenso quanto à definição de cultura, e muitos sociólogos e antropólogos aceitarem os surdos como uma subcultura, e cientistas e líderes surdos rejeitarem essa classificação sob o argumento de que o prefixo ‘sub’ implica subordinação de valores de um grupo a outro, ‘à cultura dos surdos sinaliza que as normas, valores, tecnologia e linguagem dos surdos são diferentes dos de outros grupos humanos’ (Anderson, 1994: 2).

Todavia, pelo fato de surdos e ouvintes encontrarem-se imersos, normalmente, no mesmo espaço geográfico e partilharem de uma cultura ditada pela maioria ouvinte, no caso do Brasil, a cultura Brasileira, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes, o que significa que há aspectos próprios da Cultura Surda, mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte, fato que torna os surdos indivíduos multiculturais. Segundo Skliar (op. cit.: 28) ‘não parece possível aceitar o conceito de Cultura Surda senão através de uma leitura multicultural, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções’, pois (...) ‘a Cultura Surda não é uma imagem velada de uma hipotética Cultura Ouvinte, não é seu revés, nem uma cultura patológica’.

Em suma, caracterizar a Cultura Surda como multicultural é o primeiro passo para admitir que a Comunidade Surda partilha com a comunidade ouvinte do espaço físico e geográfico, da alimentação e do vestuário, entre outros hábitos e costumes, mas que sustenta em seu cerne aspectos peculiares, além de tecnologias particulares, por vezes desconhecidas ou ausentes do mundo ouvinte cotidiano.

Sobretudo, os surdos possuem história de vida e pensamentos diferenciados, possuem, na essência, uma língua cuja substância ‘gestual’, que gera uma modalidade visual-espacial, implica uma visão de mundo, não-determinística como dito anteriormente, mas, em muitos aspectos, diferente da que partilha a Comunidade Ouvinte com sua língua de modalidade oral, cuja substância é o ‘som’. Em concordância com essa visão, Felipe (2001: 38) afirma que os surdos possuem um ‘modo de apreender o mundo que gera valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas, um *modus vivendi* ao qual denominamos Cultura Surda’.

Cultura Surda e identidade

É por meio da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e lhes dá o carimbo de pertinência, de identidade. Nesse sentido, a existência de uma Cultura Surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas. Por esse motivo, falar em Cultura Surda significa também evocar uma questão identitária. Um surdo estará mais ou menos próximo da cultura surda a depender da identidade que assume dentro da sociedade. De acordo com Perlin (1998), a identidade pode ser definida como:

- *Identidade flutuante*, na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;
- *Identidade inconformada*, na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;

- *Identidade de transição*, na qual o contato do surdo com a Comunidade Surda ocorre tardiamente, o que o faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual-sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural;
- *Identidade híbrida*, reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e têm presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;
- *Identidade surda*, na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na língua de sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os vêem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos.

A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação. É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-surdo que se verifica o surgimento da Comunidade Surda. Surgem com ela, as associações de surdos, onde se relacionam, agendam festas nos finais de semana, encontros em diversos *points*, como em bares da cidade, em *shoppings* etc.

É nessa comunidade que se discute o direito à vida, à cultura, à educação, ao trabalho, ao bem-estar de todos. É nela que são gestados os movimentos surdos (caracterizados pela resistência surda ao ouvintismo⁸, à ideologia ouvinte). É por meio dela que os surdos atuam politicamente para terem seus direitos lingüísticos e de cidadania reconhecidos, como destaca Felipe (op. cit.). Nesse sentido, “às Culturas Surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.” (Skliar, op. cit.: 5).

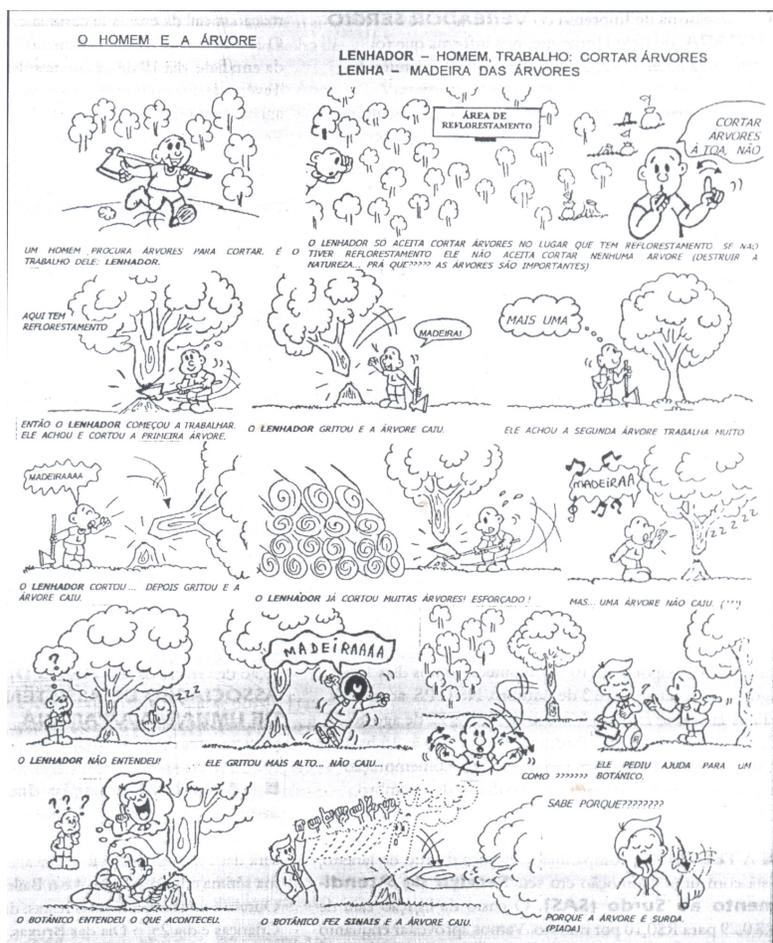
No Brasil, a FENEIS⁹ é um dos espaços conquistados pelos surdos, onde partilham idéias, concepções, significados, valores e sentimentos, que emergem, também, no Teatro Surdo, no Humor Surdo, na Poesia Surda, na Pintura Surda, na Escultura Surda e assim por diante, manifestações culturais e artísticas, sem a interferência de ouvintes, que refletem peculiaridades da Visão Surda do mundo, envolvendo questões de relacionamento, educação, entre outras.

O Humor Surdo retrata, preferencialmente, a problemática da incompreensão da surdez pelo ouvinte. Merece alusão a piada que se segue, intitulada ‘Árvore’¹⁰. É uma piada que retrata toda a história da educação dos surdos: uma história de conflitos e fracassos sociais educacionais, mas que começa a se reverter a partir do momento em que a língua de sinais passa a ser reconhecida como o meio de expressão dos surdos.

⁸ Ouvintismo é definido por Skliar (op. cit.: 15) como “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”. Em suma, o termo parece designar a imposição sócio-educacional-cultural e política que sofre(u) o surdo sob a dominação dos ouvintes que se acham no direito de determinar o que é melhor para ele.

⁹ A FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) é uma entidade não governamental, filiada à *World Federation of the Deaf*. Ela possui sua matriz no Rio de Janeiro e filiais espalhadas por diversos estados brasileiros, a saber Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo, Teófilo Otoni e Distrito Federal. Acesso a ela pelo site: <http://www.feneis.com.br>

¹⁰ A autora dos quadrinhos é Luciana Cristina Trevizanutto. Foi publicada na Revista da FENEIS, ano I, nº 3, julho/setembro de 1999, p.8.



Anualmente, em diversas capitais do Brasil e do mundo, há uma série de atividades desenvolvidas, entre as quais festivais, congressos, seminários, todos abertos também à participação de ouvintes, nos quais se apresenta muito sobre ‘o jeito Surdo de ser, de pensar e de viver’, manifestados por meio de sua arte e cultura. Muitos deles ocorrem em datas próximas ao dia nacional dos surdos, no Brasil, comemorado em 26 de setembro, data de fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES¹¹.

Felipe (op. cit.: 63) conclui que “as Comunidades Surdas no Brasil têm como fatores principais de integração a LIBRAS, os esportes e interações sociais”, possibilitadas não apenas pelo convívio dos surdos na FENEIS, nas suas respectivas associações, mas também na Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), entidade que se preocupa com a integração entre os surdos por meio dos esportes e do lazer e comporta seis federações desportivas e, aproximadamente, 58 entidades, entre associações, clubes, sociedades e congregações, em várias capitais e cidades do interior¹².

Em algumas partes do país, os surdos participam ativamente dos fóruns pelos direitos humanos nos quais são discutidos temas referentes à educação dos surdos, trabalho, saúde e

¹¹ O artigo 7 do decreto de número 6.892 de 19 de março de 1908, determinou a data de fundação do INES em 26 de setembro de 1857, porque, através do artigo 16 da LEI 939 de 26.09.1857, o Império Brasileiro concede a primeira dotação orçamentária para o Instituto passando, então, a chamar Imperial Instituto de Surdos Mudos (in Revista Espaço, edição comemorativa de 140 anos, página 6, por Solange Rocha). Outra data que agora se torna extremamente significativa para a Comunidade Surda Brasileira é a da sanção presidencial da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que oficializa a língua de sinais dos surdos brasileiros, sob o nome de LIBRAS.

¹² Dados retirados do site www.surdo.com.br/assoma1.htm (apud Felipe, op. cit. : 63)

participação política dos surdos. Nesses fóruns já foram delineadas propostas educacionais que servem aos direitos dos surdos de terem acesso integral à educação regular em língua de sinais.

Com o objetivo de inventariar e conservar o patrimônio cultural Surdo francês; expor para o público, Surdo e Ouvinte, coleções com personalidades Surdas importantes, escritores e artistas Surdos do século XIX, história dos ‘Esportes Silenciosos’, publicações Surdas, lutas dos Surdos, Língua de Sinais; organizar conferências sobre a História dos Surdos e incentivar a pesquisa sobre a História e Cultura dos Surdos, foi criado, em Louhans, na França, o Museu da História e Cultura dos Surdos, por iniciativa do Surdo Armand Pelletier¹³. Essa história também é importante para o surdo brasileiro. Dela tem-se origem a comunidade surda brasileira.

Tecnologia Surda e aspectos do Comportamento Surdo

Há comportamentos e tecnologias incorporados na vida diária da Comunidade Surda, a maioria dos quais objetiva a comunicação, a interação do surdo com o mundo dos sons, e entre eles mesmos à distância, por meio de uma ‘agenda surda’ bem definida, na qual se destacam: os torpedos, nome comumente usado, no Brasil, para se referir à comunicação via telefone celular, por meio de mensagem de texto, que, apesar de recentes, vêm se ampliando significativamente; a comunicação por meio de TS, “Telefone para Surdos”¹⁴, diretamente para TS (instalados em residências, entidades privadas ou associados a telefones públicos), ou ainda, de TS para uma central de atendimento das empresas de telecomunicações, que se responsabilizam pela intermediação do contato entre uma pessoa que utiliza o TS e outra que não o utiliza (o serviço abrange chamadas tanto de TS para o aparelho convencional, como do aparelho convencional para TS), cujo número, na maioria das capitais brasileiras, é 1402. Em Porto Alegre há a diferenciação de uma chamada de TDD para aparelho convencional, cujo número é 0800-51-7801, para uma chamada de aparelho convencional para TDD, cujo número é 0800-517802.

Há também outras tecnologias ao alcance dos surdos: *paggers*; *bips*; fax; a telemática (comunicação via internet por meio de *e-mails*, *chats*, listas de discussão, *icq* etc.); sinalização luminosa para campainhas, telefones, alarmes de segurança e detectores de choro de bebês; relógios de pulso e despertadores com alarmes vibratórios.

Há ainda as legendas ou tela de intérprete na TV; intérpretes *in loco* nas igrejas, escolas, repartições públicas, hospitais, delegacias, comércio em geral etc., além da adaptação da arbitragem nos esportes, substituindo os apitos por acenos e lenços; entre outros. Recentemente, grupos de surdos, em Londres, têm se tornado adeptos do RAVES PARA SURDOS, uma música mecânica bem alta, acompanhada por surdos dançando¹⁵.

No dia-a-dia da pessoa surda, há jogos, técnicas, brincadeiras e comportamentos interativos, ora adaptados de jogos de ouvintes, ora criados pela própria Comunidade Surda. Para fins de ilustração, apresentam-se alguns jogos e técnicas adaptados:

¹³ Dados extraídos da Revista da FENEIS, ano III, nº10 abril/junho de 2001, p.11. e-mail para maiores informações: armandpelletier-clsfberthier@wanadoo.fr

¹⁴ O nome importado no aparelho de telefone para surdos é TDD – *Telecommunications Device for the Deaf*. Após concurso e enquete realizada na internet, foi escolhido o nome para o primeiro TS fabricado no Brasil: SURTEL.

¹⁵ Fonte: http://www0.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/04/040414_ravesurdoscg.shtml

- (a) o antigo jogo “escravos de J6” foi adaptado por normalistas surdos no curso normal do Programa Surdo Educador¹⁶ privilegiando o ritmo com que as ‘pedrinhas’ são passadas de um a outro em detrimento da melodia;
- (b) a conhecida técnica do “telefone sem fio” também foi adaptada, de forma que os participantes fazem uma fila indiana, e a pessoa que dita a frase ocupa a última posição na fila, cutuca o participante à sua frente, o qual se vira e vê a frase falada em Língua de Sinais. Em seguida, este cutuca o participante seguinte na fila, o qual se vira e repete a frase que lhe foi passada pelo participante anterior. Assim, sucessivamente, repete-se a frase até o final da fila, quando o último repete a todos a frase que lhe foi repetida;
- (c) profissionais da educação de surdos, em escola pública de Brasília, adaptaram a tradicional brincadeira da ‘dança das cadeiras’, usando o ato de acender e apagar a lâmpada do ambiente onde se está, por várias vezes como sinalização para o momento de se sentar nas cadeiras. Essa técnica de piscara a luz para sinalizar a brincadeira pode ser aplicada também em dinâmicas como a da batata quente;
- (d) a forma como rezam a oração do Pai Nosso também é interessante: enquanto ouvintes se dão as mãos, os surdos unem seus pés para poderem partilhar em ‘voz alta’ (na língua de sinais) da oração universal do cristianismo.

Quanto à LIBRAS, cabe ressaltar a forma como os indivíduos são nela nomeados: seleciona-se uma característica física ou psicológica do sujeito, associada ou não a comportamentos particulares, os mais variados, os quais personificam e, de certa forma, rotulam os indivíduos. É uma língua, como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus falantes. Esse contato acontece, normalmente, com a participação nas Comunidades Surdas, quando a Cultura Surda vai pouco a pouco florescendo e, ao mesmo tempo, se diversificando em seus hábitos e costumes, que, pelos contextos distantes e diferenciados, refletem regionalismos culturais da Comunidade Surda. Nesse sentido, é fundamental o contato da criança surda com adultos surdos e com outras crianças surdas para que haja um *input* lingüístico favorável à aquisição da língua, possibilitado por um ambiente de imersão em língua de sinais.

Cultura Surda na educação de surdos

Antes de se tratar das implicações da Cultura Surda na educação e vice-versa, é relevante ressaltar que a cultura de uma dada sociedade não se constrói a partir dos processos de escolarização dos conhecimentos, entretanto tais processos contribuem para a constituição de diferentes significados culturais. Longe de minimizar o significado da língua de sinais na vida do surdo, é interessante ressaltar que pesquisas sustentam que “se uma criança surda puder aprender a língua de sinais da Comunidade Surda à qual será inserida, ela terá mais facilidade em aprender a língua oral-auditiva da comunidade ouvinte” (Felipe, op. cit.: 96-97). A possibilidade de ser plenamente multicultural é ter oportunidades nos dois mundos: surdo e ouvinte.

¹⁶ O Programa Surdo Educador teve início em 1994, como Projeto Surdo Educador, na Escola Normal de Taguatinga –DF. Até 2002, dez professores surdos concluíram o magistério de primeiro grau e 7 normalistas surdos encontram-se em curso.

A língua de sinais, uma vez entendida como a língua materna do surdo, será, dentro da escola, o meio de instrução por excelência¹⁷, ou seja, a educação de surdos deve ser na língua de sinais independente dos espaços em que o processo se desenvolva. A língua portuguesa deve ser tratada como segunda língua, privilegiando-se a escrita, cujo ensino deve explorar exaustivamente os recursos visuais¹⁸. O ensino de língua portuguesa escrita, por se tratar de disciplina de segunda língua, deve ser ministrado em turma exclusiva de surdos. ‘É preciso que os profissionais envolvidos com o ensino de língua portuguesa para surdos, conscientes dessa realidade, predisponham-se a discutir constantemente esse ensino, buscando alternativas que permitam ao surdo usufruir de seu direito de aprender com igualdade, entendendo-se, no caso do surdo, que para ser ‘igual’ é preciso, antes, ser diferente’ (cf. Faria, 2001, p. iii).

A situação ideal para a educação de surdos é que se dê em escolas de surdos. No entanto, devido à impossibilidade de se fundarem escolas de surdos em diversas cidades, por não haver demanda de alunos surdos ou mesmo devido à opção da família por uma escola inclusiva, onde os surdos estudem em salas com ouvintes, o ensino pode ser viabilizado, desde que mediado pela língua de sinais, com auxílio do professor mediador ou do intérprete educacional. Entretanto, a disciplina de língua portuguesa deve ser ministrada em turma distinta daquela dos alunos ouvintes, pois a referida disciplina é ministrada como língua materna para os ouvintes e como segunda língua para os surdos. A metodologia de ensino de uma e outra é bastante diferente, sendo impossível, portanto, conciliá-las numa mesma disciplina. Vários estudiosos, entre eles, Behares, educador uruguaio, mencionam a possibilidade de educação para surdos em ‘escolas-pólo’ (escolas que reúnem um número considerável de surdos, mas ainda, estudando entre ouvintes) quando não há número de surdos suficiente para justificar a abertura de uma escola de surdos.

Conforme Skliar (op. cit.: 28-29), ‘as crianças (surdas) – num contexto escolar ou clínico onde não existem adultos surdos – desconhecem os processos e os produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual e à literatura em língua de sinais em geral, à tecnologia etc.’. Deve-se permitir a elas o contato com tais processos e produtos; por isso, o papel do surdo adulto na educação se torna fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda. Elas ‘têm o direito à entrada nessa comunidade Surda e nesses processos culturais, sem nenhum condicionamento. E as políticas lingüísticas, do conhecimento, das identidades etc. são uma parte indissolúvel dessas potencialidades ou direitos.’ (Skliar, op. cit.: 29). Cabe à família e à escola favorecer que esses direitos sejam respeitados.

Quadros (2000: 6) acrescenta que o processo de alfabetização de surdos tem duas chaves preciosas: o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais (não ‘sistemas de comunicação artificiais, português sinalizado, ou qualquer outra coisa que não seja a LSB¹⁹). ‘Recuperar a produção literária da comunidade surda é urgente para tornar eficaz o processo de alfabetização. A produção de contadores de história, de histórias espontâneas e de contos que passam de geração em geração são exemplos de literatura em sinais que precisam fazer parte do processo de alfabetização de crianças surdas’.

¹⁷ Desde 1954, a Unesco, defende o ‘direito que têm as crianças que utilizam uma língua diferente da língua oficial de serem educadas na sua língua’ (apud, Skliar, op. cit.: 25). Desta forma, propõe a educação básica na LM da criança, o que corresponde para o surdo, na educação básica em língua de sinais.

¹⁸ A oralização do surdo deve ser opção dela e da família. Feita esta opção, deverá ser aprendida por métodos artificiais, em atendimentos fonoaudiológicos e em clínicas especializadas, não associada às práticas educacionais, onde deve ser privilegiada a modalidade escrita da língua portuguesa.

¹⁹ LSB e LIBRAS são nomes empregados para denominar a Língua de Sinais falada pela Comunidade Surda brasileira.

Ainda, segundo Quadros (op. cit.: 9), é preciso o incentivo à utilização de recursos lingüísticos para se ‘produzir estórias utilizando configurações de mãos específicas, produzir estórias, em primeira pessoa, sobre pessoas surdas, sobre pessoas ouvintes, produzir vídeos de produções literárias de adultos surdos’.

Uma outra questão relevante na alfabetização de surdos diz respeito à sua escrita. Em princípio, vem-se há anos, no Brasil, alfabetizando surdos em língua portuguesa e reforçando a Escrita Surda numa interlíngua²⁰ que apresenta, geralmente, a estrutura da língua de sinais com vocabulário de língua portuguesa. Reflexões sobre a alfabetização de surdos sugerem, entretanto, que a alfabetização dos mesmos deva se realizar, inicialmente, em língua de sinais. É uma proposta de ensino arrojada, mas ainda incipiente no Brasil. Sem dúvida, um caminho que emerge aos poucos e timidamente, por meio da tecnologia oferecida pelo *signwriting*²¹ ou língua escrita de sinais. Acredita-se que o *signwriting* é uma forma de agregar as tecnologias educacionais empregadas no ensino de surdos, além de tornar perenes e sólidas as idéias dos mesmos, confirmando, reforçando e ampliando a ‘marca surda’ de pertinência no mundo e, quem sabe, por meio dela, a História Surda se construa e se sustente sobre a ‘voz’ da maioria surda, definindo-se e estabelecendo, enfim, a Cultura Surda pelo próprio surdo, por ideal, por opção, por convicção, por SER SURDO e se identificar como tal.

Contribuições dos surdos e da sociedade ouvinte à educação e à Cultura Surda

Cabe finalmente perguntar o que a sociedade ouvinte tem realizado para permitir ao surdo o acesso à sua cultura e à cultura ouvinte e como ela tem contribuído para a inclusão do surdo na sociedade, respeitando sua cultura. Em termos educacionais, há uma série de iniciativas que emergem e se expandem a cada dia com efeitos cada vez mais satisfatórios, alimentados pela crescente pesquisa na área, dentro de diversas instituições, especialmente, nas universidades brasileiras.

A seguir apresenta-se uma relação ilustrativa de publicações e materiais didáticos elaborados para surdos e/ou por surdos, entre tantos outros existentes. Alguns são comercializados, outros, distribuídos gratuitamente:

- (a) Vídeo: Independência e vida: prevenção ao abuso de drogas. MEC/INES;
- (b) Vídeo: Prevenção de HIV – AIDS/DST para pessoas surdas – produção AJA, com recursos do Projeto Unesco. Vide: <http://www.aja.org.br/aids>;
- (c) Vídeo: A ilha dos sonhos (filme legendado e interpretado em LSB – conteúdos de geografia e matemática), disponível nas Edições Paulinas;
- (d) Vídeos de poesias, histórias infantis, fábulas de Esopo (sinalizadas) e números em LSB, produzidos pela LSB vídeo produções;

²⁰ Interlíngua é a língua produzida pelo aprendiz em fase de aquisição, língua esta que não corresponde à língua materna, nem à língua alvo (Vianna, 2001).

²¹ O *signwriting* é um sistema de escrita das línguas de sinais, idealizado e desenvolvido por Valerie Sutton do *Deaf Action Committee*, da Califórnia, USA. Trata-se de um conjunto de símbolos visuais que podem descrever qualquer língua de sinais no mundo.

- (e) Vídeos produzidos pelo INES: Histórias Infantis em Língua de Sinais: Introdução às Operações Matemáticas; O Verbo em Português e em LIBRAS; Hino Nacional;
- (f) CD-ROMs Coleção Clássicos da Literatura em LIBRAS/Português (infanto-juvenil), produzido por Clélia Regina Ramos, Editora Arara Azul/FAPERJ/IBM/SEESP/MEC. Pacote 1, 2003 (volume I – *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carol; volume II – *Iracema* de José de Alencar; volume III – *As Aventuras de Pinóquio*); Pacote 2, 2004 (volume IV – *Aladim e a lâmpada maravilhosa*; volume V – *Velho da Horta*; volume VI – O Alienista).
- (g) Material distribuído pelo MEC – Comunicar – proposta de adequação curricular para alunos com necessidades especiais: vídeo I: dicionário visual LIBRAS; vídeo II – parte 1: Formulação de frases em LIBRAS; parte 2: pidgin;
- (h) 17 programas infantis da série Vejo Vozes, veiculados na TV Cultura;
- (i) Livros diversos de LIBRAS, entre os quais: LIBRAS em Contexto, distribuído pelo MEC e comercializado pela FENEIS.
- (j) Dicionários de LIBRAS: (a) Capovilla, F. C., Raphael, W. D. (2001a e b). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*. Volume I: Sinais de A a L (pp. 1-834) / Volume II: Sinais de M a Z (pp. 835-1620). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom. (b) *Dicionário Digital Bilíngüe - Português x Libras e Libras x Português*, em CD-Rom, produzido pelo INES, organizado por especialistas surdos, filólogos, lexicógrafos e lingüistas, com oito mil sinais/vídeos animados, em ordem alfabética, gravado e distribuído gratuitamente pelas secretarias estaduais de Educação. (c) *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais*, desenvolvido pelo Programa ACESSA São Paulo, produzido em CD-Rom, com oito mil palavras, três mil vídeos, 4,5 mil sinônimos e cerca de 3,5 mil imagens.
- (k) Entre os livros com histórias de/ou para surdos, encontram-se alguns como: *Cinderela Surda* de HESSEL, Carolina & ROSA, Fabiano & KARNOPP, Lodenir, publicado na série pimplho da editora ULBRA em 2003a – o primeiro livro escrito em LSB escrita²² e traduzido para a LP escrita; *Rapunzel Surda* de HESSEL, Carolina & ROSA, Fabiano & KARNOPP, Lodenir, publicado na série pimplho da editora ULBRA em 2003b; *Tibi e Joca*, uma história de dois mundos, de Cláudia Bisol, publicado pela Ed.: Mercado Aberto, 2001; *Como é ser surdo*, de Vera Strnadová, traduzido por Daniela Richter Teixeira e publicado pela Editora Babel, RJ, em 2000; *Uma menina chamada Kauana* de Karin Lilian Strobel, publicado em 1995 pela FENEIS; *O vôo da gaivota* de Emmanuelle Laborit, publicado pela Best Seller, São Paulo, 1994; *Mitaí* de Jaime Sautchuk, editora Verano, Brasília, 1992.

A legendagem, apesar de ainda ser um recurso insuficiente para o acesso pleno do surdo à informação e ao entendimento de filmes, reportagens etc., é um passo fundamental para o acesso do surdo à cultura ouvinte. A legenda oculta na TV, ainda que restrita a algumas emissoras e a poucos programas, e a legenda “explícita” no cinema são formas de lazer para o surdo. Além de serem forma de lazer, os filmes legendados podem ser um recurso em potencial no ensino de língua portuguesa para surdos adultos.

²² O primeiro livro traduzido para a LSB escrita, ou seja, em signwriting, foi *Uma Menina Chamada Kauana* de Karin Lilian Strobel, FENEIS, 1995, ‘traduzido’ em signwriting por Marianne Stumpf. Entretanto, o primeiro livro, realmente ‘escrito’ em LSB escrita foi *Cinderela Surda*.

No entanto, a legendagem de filmes nacionais aqui no Brasil é incipiente, uma vez que, normalmente, somente os filmes estrangeiros são legendados em língua portuguesa. O filme *O Primeiro Dia*, de Walter Salles Jr. conta com a participação de atores surdos brasileiros²³, mas, infelizmente, não está legendado, possibilitando ao surdo apenas o entendimento descontextualizado dos diálogos em LIBRAS. É uma luta que os surdos têm diante da busca à acessibilidade comunicativa.

É interessante apresentar uma relação de alguns dos filmes que envolvem a temática da surdez e que auxiliam ouvintes a perceberem um pouco mais da realidade do surdo e surdos a se identificarem com histórias semelhantes às suas, contribuindo para o fortalecimento de suas identidades. Destacam-se: *Filhos do Silêncio*; *O Milagre de Annie Sullivan*; *Meu Adorável Professor*; *Lágrimas do Silêncio*; *A Música e o Silêncio*; *Gestos de amor*; *Caindo no ridículo*; *O garoto Selvagem*; *No Silêncio do Amor*; *Tortura Silenciosa*; *Morte Silenciosa*; *Um verão inolvidável*; *Ariel, A Estrela do Mar dos Desejos* (desenho animado, Walt Disney, coleção Princesas), entre outros. Não são filmes ainda dirigidos por surdos, no entanto já apresentam timidamente um elenco de atores surdos entre os quais a atriz Marlee Matlin, primeira atriz surda no mercado hollywoodiano (Revista da FENEIS, op. cit.), premiada no filme *Filhos do Silêncio*. De forma interessante, todos os filmes supracitados tratam da questão da surdez: como ela foi e vem sendo encarada pelo surdo não participante da Comunidade Surda, pela Comunidade Surda propriamente dita e pela sociedade ouvinte.

Considerações Finais

Muito ainda pode e deve ser realizado em prol da educação de surdos. A oficialização da LIBRAS foi um grande passo para a Comunidade Surda brasileira. Ela prevê intérpretes em escolas, hospitais, repartições públicas, estabelecimentos comerciais etc. e abre um leque de opções que deve ser aproveitado para se oportunizar ao surdo o acesso à sua cultura, à sua história e à história da humanidade. Educadores e elaboradores das políticas educacionais devem descobrir o seu papel nesse cenário, conscientizando-se de que cabe ao Surdo o papel principal, o de influir significativamente no protagonismo surdo, na sua identificação consigo mesmo e com o mundo de uma maneira rica e multicultural, promovendo uma educação sustentada numa experiência global a ser levada ao longo de toda a vida do aluno e organizada dentro dos quatro pilares do conhecimento propostos pela UNESCO: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser.

Enfim, a questão cultural do surdo na construção de sua cidadania envolve a diversidade humana, o multiculturalismo, a construção de identidades, a educação, as tecnologias e comportamentos específicos dos surdos, resultando num panorama no qual fica evidente que, apesar de haver um lugar para a Cultura Surda e um lugar para a Cultura Ouvinte, não há uma fronteira entre ambas, tendo em vista o fato de serem complementares e convergirem para a formação de cidadãos brasileiros. A interface das duas culturas, o convívio com a diversidade constitui um cenário multicultural no qual não há melhores nem piores, há diferentes. O respeito à diversidade é a condição *sine qua non* para o exercício pleno da cidadania. Oxalá, possa toda a sociedade aderir ao multiculturalismo que, pela própria natureza do termo não elege uma cultura como a melhor, mas cuja diversidade implica a contribuição e o benefício de todos, independentemente de raça, cor, credo, posição social

²³ Informação extraída da Revista da FENEIS, ano II, nº 7, de julho/setembro de 2000.

ou diferenças individuais. Permitir ao surdo ser multicultural pode ser o início de uma jornada que levará toda a humanidade a um 'jeito multicultural de ser e de viver', desfazendo o conhecimento fragmentado e limitado criado dentro da própria nação de modo a permitir a toda a sociedade o acesso à multiculturalidade.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Yerker. 'A língua de Sinais e a Cultura dos Surdos' – palestra proferida no VI Encontro Nacional de Pais e Amigos dos Surdos – ENPAS / IV Encontro Nacional dos Surdos, realizado no Centro Cultural Banco do Brasil, realizado entre 12 e 14/10/94.

FARIA, Sandra P. 'Interface da LIBRAS com a Língua Portuguesa e suas implicações no ensino do português como segunda língua para surdos' In: *Revista Pesquisa lingüística*. No 06, UnB, 2001.

FELIPE, Tanya A. *LIBRAS em Contexto – Curso Básico*. Livro do estudante. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2001.

LABORIT, Emmanuelle. *O vôo da gaivota*. São Paulo: Best Seller. 1994.

MAUPASSANT, Guy de. 'Carta de um louco'. In: *Contos Fantásticos – O Horla e Outras Histórias*, Col. L&PM Pocket, vol. 24. Trad. José Thomas Brum, Porto Alegre: L&PM, 1997.

PADDEN, Carol & HUMPHRIES, Tom. *Deaf in America: Voices from a Culture*, 11^a printing. London: Harvard University Press, 1999.

PIMENTA, Nelson. 'Oficina-Palestra de Cultura e Diversidade'. *Anais do Seminário do INES*, 19 a 21 de setembro de 2001.

PERLIN, Gladis T. T. 'Identidades surda'. In: Skliar, Carlos (org.) *A Surdez: um Olhar sobre as Diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice M. de. 'Alfabetização e o Ensino da Língua de Sinais', 2000 [artigo submetido para publicação na Revista Textura/ULBRA II].

REVISTA DA FENEIS, ano II, nº 7, de julho/setembro de 2000.

REVISTA DA FENEIS, ano III, nº 10, abril/junho de 2001.

REVISTA DA FENEIS, anoIV, nº 13, janeiro/março de 2002.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma Jornada pelo Mundo dos Surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SÁNCHEZ, Carlos *La increíble y triste historia de la sordera*. Caracas: Ceprosord, 1990.

SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um Olhar sobre as Diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STRNADOVÁ, Vera. *Como é Ser Surdo*, tradução de Daniela Richter. Teixeira: Babel, 2000.

VIANNA, Adriana Chan 'Estruturas de posse na aquisição de português por surdos', comunicação no I Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste – GELCO: MT, 2001.

WRIGLEY, Owen *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

Grupo de Pesquisa de LIBRAS e Cultura Surda Brasileira da FENEIS. In: *Revista da FENEIS* ano 1, nº 3, julho/setembro de 1999, pp. 8,14 e 15.